

PRORROGAÇÃO NA OMC

*** Roberto Rodrigues**

Enquanto as matérias publicadas mundo afora indicam impasses para acabar ainda este ano as negociações da Rodada de Doha, o agronegócio brasileiro – com todas as crises recentes e o endividamento atual – segue batendo recordes de exportação.

Não deixa de ser uma contradição: afinal, a Rodada tem o objetivo explícito e prioritário de liberar o mercado agrícola mundial, de maneira a permitir o crescimento dos países em desenvolvimento.

No ano 2000, o agronegócio brasileiro exportou 20,6 bilhões de dólares. Em 2006, o valor foi de 49,4 bilhões de dólares, um salto de 140%! No primeiro semestre de 2007, as exportações cresceram 25% em relação ao mesmo período do ano passado, permitindo sonhar com um volume próximo de 60 bilhões até o final do ano.

Nos últimos 6 anos o crescimento médio anual foi de 15,7%, quase o dobro do aumento do comércio agrícola mundial. Com isso, já representamos hoje cerca de 5,7% de todo o mercado agrícola planetário, muito mais que os 3% do final da década passada.

Alguns produtos tiveram desempenho simplesmente espetacular: as exportações das carnes (bovina, de frango e suína) cresceram 341,5% nos últimos 6 anos; o complexo sucroalcooleiro aumentou as exportações em 529,8%; cereais e farelos cresceram 1023%; lácteos 985% e animais vivos (principalmente gado em pé), 1473%.

Também os produtos florestais (celulose e madeira) tiveram grande aumento, bem como couro e seus derivados, algodão, café torrado e moído, frutas e sucos.

Outro dado impressionante é a diversificação dos mercados compradores: hoje exportamos para muitos países onde antes não éramos conhecidos. Em 2006, além de União Européia e Estados Unidos, que são os nossos principais compradores, crescemos muito na China, na Rússia e no Irã. Estes 5 mercados somados representam 60% do crescimento dos últimos 6 anos.

A participação dos países em desenvolvimento aumentou no período, de 33,9% para 49,1%, enquanto a participação dos países desenvolvidos baixou, em termos relativos, de 66,1% para 50,9%.

O crescimento médio anual para a Ásia foi de 27,5%; para o Oriente Médio de 27,8%, para a África 33,2% e para a Europa Oriental foi de 36%. Todas estas médias são superiores à média geral de 15,7% ao ano. Isto é muito relevante, porque reduz a dependência de mercados tradicionais e oferece alternativas sólidas para o futuro.

Três produtos – carnes, açúcar e soja – representaram 75% do crescimento das exportações para os países em desenvolvimento, nestes 6 anos.

E o etanol vem se apresentando como um produto cujo mercado potencial é difícil de mensurar. Só a Flórida, cujo governador esteve esta semana no Brasil para discutir este tema (entre outros), consome tanta gasolina quanto o Brasil todo. E o álcool de milho produzido em Iowa chega na Flórida mais caro por terra do que o etanol brasileiro, por mar. Isto sem falar na Ásia, na Europa e em outros estados americanos.

Na verdade, portanto, o crescimento brasileiro nos mercados globais se deveu muito mais à grande capacidade de nossos produtores do que de qualquer acordo comercial.

Mas se o jogo de Doha não acabar este ano, precisaremos engraxar as canelas para a prorrogação que fatalmente virá. E isto implica em melhorar ainda mais a nossa competitividade, além de fazer promoção comercial pelo mundo afora.

*** Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, presidente do Conselho Superior de Agronegócio da Fiesp e professor de Economia Rural da Unesp/Jaboticabal**